

EDITORIAL

2ª edição – Revista Desassossego

Nesta segunda edição da Revista *Desassossego*, passamos a receber artigos não apenas do Programa de Pós-Graduação em Literatura Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade de São Paulo, mas também de outros Programas de Pós-Graduação de diferentes universidades, abrindo a Revista, cada vez mais, para a diversidade de olhares e multiplicidade de perspectivas. Para retratar essa variedade, talvez a maneira mais adequada fosse discorrer, livremente, sobre textos escolhidos de forma aleatória, para que cada leitor os agrupasse (ou não) como lhe conviesse. Assim, diversa e múltipla seria também esta proposta de leitura da Revista. No entanto, escolhemos, para a apresentação deste editorial, um caminho supostamente mais ordenado e certamente mais artificial: agrupar os artigos de acordo com o gênero das obras analisadas, embora saibamos que, contemporaneamente, qualquer divisão entre gêneros literários nos parecerá sempre precária.

Desse modo, e já declarada a precariedade de nosso exercício, os romances (e “crônicas”) são o foco de seis artigos desta edição da Revista. E o primeiro “romance” que podemos mencionar, justamente para nos confundir quanto à definição dos gêneros literários, é a *Crônica de Brites*, analisada por Alleid Machado em seu texto “A Brites de Júlia Nery: uma possibilidade transgressora em meio ao discurso ficcional”. Discutindo os conceitos de gênero (sexual) e de *performance*, Alleid mostra como no romance (ou crônica) de Júlia Nery a ambigüidade da personagem Brites de Almeida, cuja identidade instável flui entre os gêneros masculino e feminino, nos permite questionar supostas “realidades fixas e naturalmente imutáveis”, em que os sujeitos teriam sempre identidades únicas. Já no artigo de Ana Maria Oliveira, “Entre a finitude e o limiar da paixão: *Fazes-me falta*, de Inês Pedrosa”, os questionamentos giram em torno da amizade, da paixão e da morte presentes no mencionado “romance” (poético) da escritora portuguesa. Também voltado para obras do gênero romanesco está o trabalho de Carolina Morales, “Maria e Luisa: um olhar sobre a personagem feminina na ficção queirosiana e em um romance moral”, que propõe aproximações e dessemelhanças entre *A Virgem da Polônia*, de José Joaquim Rodrigues de Bastos, e *O Primo Basílio*, de Eça de Queirós. No artigo “Arte e política no romance *Bolor*, de Augusto Abelaira”, Isabelita Crosariol sugere que a forma do romance de Abelaira, um diário escrito a várias mãos, é política. Há ainda o texto de André Haudenschild, que aborda a escrita-viagem dos cronistas portugueses como “uma experiência formativa de produção de escrita”. Finalmente, em “Os dois lados da mesma moeda: Deus e o Diabo em *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*”, Ronaldo Souza analisa a desmistificação dos personagens Deus e Diabo na obra de José Saramago: embora numa tradição cristã eles sejam representações opostas do Bem e do Mal, na obra saramaguiana esses personagens são absolutamente essenciais um ao outro, como dois lados da mesma moeda.

Continuando nossa incursão pelos artigos deste segundo número da Revista *Desassossego*, devemos colocar no limiar entre prosa e poesia os interesses de quatro trabalhos. O primeiro, de Flávia Rodrigues, discute os textos (tanto em prosa como em verso) de Carlos de Oliveira, associando a contenção da escrita do autor com sua preocupação em ressaltar a carência da região de Gândara, símbolo de um Portugal obscuro, sem perspectivas, oprimido pela ditadura do Estado Novo. O segundo artigo, “Autobiografia *in progress* com HH: estado de sítio [medo e violência]”, de Frederico Canuto, trata da obra *Photomaton e Vox*, de Herberto Helder,

sustentando a hipótese da criação de um corpo escrito a partir de um processo de leitura-escritura. Já no trabalho “Despedida e desprendimento no *Pequeno Caderno do Oriente* de Eugénio de Andrade”, Antonio José Bezerra de Menezes Jr. aponta referências poéticas chinesas e japonesas presentes no *Pequeno Caderno do Oriente* que, tendo sido escrito pelo poeta em Macau, deixa transparecer um “tom de despedida” em virtude da devolução desse antigo território português ao governo da China. No último artigo que incluímos nesse grupo, “De Cesário Verde a Wenceslau de Moraes: esboço de uma poética do olhar *flâneur*”, Marta Pinto aborda a obra poética de Cesário Verde e o orientalismo dos textos de Wenceslau de Moraes, propondo-se a aproximá-los e a examinar “a pertinência da estética do olhar na produção literária destes dois *flâneurs lusófonos*”.

Dois outros trabalhos, que também publicamos nesta edição, voltam-se para textos que se inserem num “gênero jornalístico-literário”. Em “Ecos do Modernismo e de Mário de Sá-Carneiro na revista *O Ocidente* (1878-1914)”, o foco de Fernanda Müller são as matérias sobre ou do escritor Mário de Sá-Carneiro publicadas na revista *O Ocidente*, periódico que, como tenta demonstrar a autora, foi um importante meio de divulgação do Modernismo. Quanto ao outro artigo que trata de textos do gênero jornalístico-literário, “A literatura infantil fora do livro: jornal *O Senhor Doutor* e a revista *Tico-Tico*”, de Lígia Menna, o que se busca é preencher uma lacuna nos estudos das relações entre literatura e jornalismo no que se refere à literatura infantil, assim como “contribuir para uma visão mais ampla e consistente do processo de formação da literatura infanto-juvenil em Língua Portuguesa”.

Com relação aos cinco artigos restantes que publicamos neste segundo número da Revista *Desassossego*, eles fazem parte do *Dossiê*, dedicado, nesta edição, à obra de Fernando Pessoa. Cláudia Vilarouca, em “Pessoa / Bernardo Soares e Heidegger: poesia e pensamento contra a decadência”, tenta mostrar que Pessoa e Heidegger compartilham um sentimento comum de pertencerem a uma época de decadência e que suas obras almejam dar respostas a esse momento histórico. No texto de Cristina Locatelli, “O percurso sensacionista na poética de Álvaro de Campos: três momentos”, por meio da análise dos poemas do referido heterônimo de Fernando Pessoa, busca-se indicar a relevância do sensacionismo não somente na poesia portuguesa do início do século XX, mas também, particularmente, na obra poética de Álvaro de Campos. Já em “Fingindo entender: a relação entre sujeito e mundo nas obras de Fernando Pessoa e Paulo Henriques Britto”, Gabriel Rachwal faz uma análise comparativa entre as obras poéticas de Pessoa e Henriques Britto, evidenciando como os poetas respondem, cada um a seu modo, ao imperativo de significar o mundo. No artigo “Sobrevivências pessoanas: Enrique Vila-Matas lendo o Barão de Teive”, Kelvin Falcão Klein tem como objetivo rastrear a presença de Fernando Pessoa na literatura contemporânea e destaca a importância do Barão de Teive, semi-heterônimo de Pessoa, no romance *Bartleby & companhia*, do escritor espanhol Enrique Vila-Matas. Por fim, o trabalho de Luciano de Souza, “O Diabo em Pessoa: retratos da figura de Satã nos escritos de Fernando Pessoa”, visa seguir o itinerário do Diabo nos escritos (tanto em prosa como em verso) do referido poeta português.

Além desses 17 artigos, nesta segunda edição da Revista, a seção de entrevistas traz uma interessante conversa com a “novíssima” poeta portuguesa Catarina Nunes de Almeida, realizada pela também poeta e doutoranda Virgínia Boechat, o que fez com que os diálogos tenham girado em torno dos livros já publicados pela autora, *Prefloração* (2006) e *A metamorfose das plantas dos pés* (2008), perpassando outros pontos que desenham um fazer poético no contemporâneo. Além disso, também foram entrevistados, pela mestrandia Érica Zingano, João Barrento e Maria

Etelvina Santos, do Espaço Llansol, na Casa de Sintra, última casa onde viveu Maria Gabriela Llansol e onde se encontra seu espólio, composto de objetos pessoais, livros, quadros e uma vasta quantidade de cadernos ainda, na sua maioria, inéditos. Na conversa em torno da Casa, é possível entender como se originou o Espaço e de que forma funciona nos dias de hoje, propiciando, para os pesquisadores e o público em geral, interessados na obra da autora, uma possibilidade de adentrar nesse grande labirinto textual conhecido como a "textualidade".

Já a seção de resenhas apresenta uma abordagem sobre o teatro português contemporâneo, ao discutir a peça *Aquário na Gaiola*, de Júlia Nery. Também recebemos uma grande quantidade de material ficcional e poético, em que os contos têm o maior destaque, inclusive por uma abordagem mais atual do gênero. Na poesia, poemas, também de além-mar, compõem um conjunto diverso, no qual a palavra transforma-se, segundo o olhar de cada escritor.

Os editores.